



### Da autoria do

**General Vítor Pinto Ferreira, António Mendes da Silva, Amílcar Mendes e Francisco Gonçalves Domingos.**

**Coordenação de João Lucas**

[...]

Constatei que todo o mundo excepto o pessoal de serviço estava fora a jantar. Mesmo assim consegui arranjar três Unimog e a toda a velocidade, passei pelos restaurantes e mandei embarcar o pessoal enquanto lhes explicava o que se passava.

Nas mesas ficaram os bifés, os ovos e as batatas fritas que infelizmente já não seriam comidos.

Só houve tempo do pessoal ir à caserna buscar o equipamento de combate e o armamento, pois tínhamos que ir para a Ponte Alferes Nunes para onde já tinha partido sozinho num jipe o Comandante do CAOP.

Nessa noite, o Coronel Paraquedista Rafael Durão, deu-me mais uma lição do que é ser um Comandante.

O pessoal logo que teve consigo o armamento e equipamento, saltou para as viaturas que partiram com a lotação excedida. A urgência não permitiu que fosse passada revista e que o pessoal transportado de acordo com as normas que cumpríamos à risca na Companhia. Eu, sabedor que o Coronel tinha ido na frente sozinho, dava tudo por tudo para apanhá-lo, pois a zona era de actuação activa do PAIGC e uma emboscada a uma viatura isolada era perfeitamente plausível. Voámos os escassos quilómetros que nos separavam da ponte.



Aí chegado, o Comandante já me aguardava, dando-me de seguida ordens para dispor o pessoal de forma a barrar qualquer tentativa de cruzar a Ponte.

Logo que viu que as forças estavam postadas, de forma repentina e em tom que não admitia qualquer réplica disse-me:

“- *Fique aqui com os seus homens que eu vou ter com os gajos*” – e de seguida meteu-se no jipe sozinho e zarpou ponte fora, rumo ao Bachile.

Temerário, um verdadeiro chefe, arrancou sem cuidar de qualquer segurança aí foi ele enfrentar o perigo que tanto podia vir de uma emboscada do PAIGC como da turma africana desgovernada que deixara no quartel os seus graduados metropolitanos e de moto próprio se apresentava para ir a Teixeira Pinto libertar os camaradas presos.

Não sei o que se passou no encontro do Comandante com os soldados africanos da Companhia de Bachile. Creio que o Comandante, que não era de grandes falas nem do género de escrever memórias, alguma vez o tenha revelado a alguém.

Passado um bom bocado, o jipe apareceu do outro lado da Ponte e parou junto a mim. O Comandante do CAOP disse-me:

*“- Pinto Ferreira, o assunto está resolvido os gajos já regressaram ao quartel. Pode mandar regressar a sua malta.”*

Bufei de alívio pois tínhamos acabado de ultrapassar uma situação que poderia ser muito delicada. Dei ordens para voltarmos a Teixeira Pinto, e certamente, o pessoal recordou-se dos bifes e preparou-se para voltar às mesas que tão rapidamente tinha abandonado. Mas estava escrito que não seria assim...

Não sei se foi o Irã a Caboiana, mas a desgraça abateu-se sobre nós.

A uns cem metros do local onde eu estava com o Comandante, os Unimog estavam a acabar de recolher os militares, quando uma, duas explosões, e uma série de tiros, me fizeram concentrar a atenção nas viaturas. Vi o clarão das explosões e as chamas dos tiros, pois já tinha escurecido. Com os meus botões e fechos "éclairs" pensei:

*“-Agora que nos tínhamos livre de uma é que os "turras" resolveram vir atacar!”* — vôo no jipe para o local, a fim de me inteirar da situação.

As explosões e tiros tão depressa tinham acontecido como tinham cessado. Chegado ao local o choque foi total. Exceptuando dois, todo o pessoal que estava em cima de um Unimog tinha sido apanhado pelas explosões... Eram treze.

[...]